

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLA

Rafael Rodrigo Klein

**METODOLOGIA DE ENSINO NA FORMAÇÃO ESPORTIVA NA
ESCOLA**

Santa Maria, RS
2016

Rafael Rodrigo Klein

METODOLOGIA DE ENSINO NA FORMAÇÃO ESPORTIVA NA ESCOLA

Artigo apresentado ao curso de Especialização em Educação Física Escolar da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Física Escolar.**

Orientador: Prof^o. Dr. Rosalvo Luis Sawitzki

Santa Maria, RS
2016

Rafael Rodrigo Klein

METODOLOGIA DE ENSINO NA FORMAÇÃO ESPORTIVA NA ESCOLA

Artigo apresentado ao curso de Especialização em Educação Física Escolar da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Física Escolar.**

Aprovado em 18 de dezembro de 2015

Profº Dr. Rosalvo Luis Sawitzki

(Presidente – Orientador)

Profº. Dr. João Francisco Magno Ribas

Dra. Andressa Aita Ivo

MSc. Aline Caramês

Santa Maria, RS
2016

RESUMO

METODOLOGIA DE ENSINO NA FORMAÇÃO ESPORTIVA NA ESCOLA

AUTOR: Rafael Rodrigo Klein

ORIENTADOR: Profº Dr. Rosalvo Luis Sawitzki

Neste trabalho, apresenta-se um estudo sobre as metodologias de ensino utilizadas na formação esportiva na escola. A partir dos estágios de formação esportiva, discute-se sobre os processos metodológicos no ensino dos esportes relacionando-os com os métodos de ensino utilizados, com a faixa etária, com as habilidades pré-desenvolvidas e com a realidade social do aluno. Entende-se que as práticas esportivas no âmbito escolar podem se pautar em metodologias e planejamentos de ensino que sustentem uma formação de qualidade, que possam legitimar o conteúdo a ser ensinado e que, de fato, proporcionem a formação integral e multilateral do educando. Destaca-se, neste trabalho, a metodologia de ensino baseada nos jogos condicionados (GARGANTA, 1998) como opção metodológica no ensino dos esportes pelo fato desta estimular nos alunos a inteligência tática, a técnica individual, a autonomia, o senso de responsabilidade, o poder de decisão, a capacidades de resolver problemas, a criatividade, a iniciativa e a leitura do jogo, de uma forma dinâmica, motivadora e espontânea. Desse modo, possibilitamos o desenvolvimento da formação integral do aluno a partir dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

ABSTRACT

TEACHING METHODS IN SPORTS TRAINING IN SCHOOL

AUTHOR: Rafael Rodrigo Klein

SUPERVISOR: Prof. Dr. Luis Rosalvo Sawitzki

This paper presents a study on the teaching methods used in sports training in school. From the sports training courses, we discuss about the methodological procedures in sports education relating them to the teaching methods used, with age, with pre-developed skills and the social reality of the student. It means that sports activities in schools should be based on teaching methodologies and plans to support quality training that can legitimize the content to be taught and that, in fact, provide full and multilateral training of the student. It stands out in this work, the teaching methodology based on conditioned games as a methodological option in school sports because of this students the tactical intelligence, the individual technique, autonomy, sense of responsibility, decision-making power, the capacity problem solving, creativity, initiative and reading of the game, a dynamic, motivating and spontaneously. Thus, we enable the development of integral education of the student through the cognitive, emotional and social aspects.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O ESPORTE ENQUANTO CONTEÚDO	11
2.2 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ESPORTES	15
2.3 PLANEJAMENTO E METODOLOGIA DE ENSINO	19
2.4 METODOLOGIA DE ENSINO BASEADA NOS JOGOS CONDICIONADOS	20
2.5 ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO.....	22
2.6 A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA E DO ESPORTE NO PROCESSO FORMATIVO	26
2.7 DIAGNÓSTICO DA REALIDADE ENCONTRADA A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	26
3. CONSIDERAÇÕES	28
4. REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

A formação esportiva vem sendo compreendida sob diferentes maneiras. Alguns educadores a percebem como, exclusivamente, o fazer pelo fazer, a prática pela prática; outros acreditam que sua função é amenizar os problemas sociais existentes, como, por exemplo, a violência, as drogas, a criminalidade, dentre outros; e outros, contudo, a compreendem como uma prática curricular que corresponde aos estágios de formação do aluno, isto é, que respeite sua faixa etária e suas habilidades.

Neste contexto, na presente pesquisa, tem-se como objetivo discutir sobre os processos metodológicos do ensino dos esportes na escola a partir de experiências vivenciadas ao longo da trajetória acadêmica.

Antes de pensar em uma discussão sobre os processos metodológicos do ensino dos esportes, é importante compreendermos o porquê de ensinarmos esportes como conteúdo de Educação Física na escola. Em González- F. J.- Bracht- V. (2012, p. 10), o autor apresenta uma série de possíveis justificativas para o ensino dos esportes na educação físicas escolar, como:

1. O esporte é um bom meio de desenvolvimento da aptidão física, que é, por sua vez, elemento importante da saúde.
2. O esporte é um bom meio de desenvolver qualidades sociais e morais (espírito colaborativo, espírito competitivo, capacidade de assimilar derrotas e vitórias, respeito às regras etc.).
3. Ensinar os esportes nas aulas de Educação Física vai permitir massificar a prática do esporte em nosso país.

A justificativa para o ensino dos esportes vai bem mais além que isso. O Ensino dos esportes como conteúdo não existe apenas pelo fato de desenvolver aptidão física nos seus praticantes ou até a questão de valores sociais. Os esportes coletivos são parte da nossa Cultura Corporal de Movimento. Essa dimensão da cultura é o que responsabiliza a Educação Física de legar às novas gerações esse conhecimento; é isso que justifica a presença da Educação Física no currículo escolar.

Segundo González- F. J.- Bracht- V. (2012, p. 12), o conhecimento de que trata a educação física é, portanto, parte da cultura humana. Entende-se que, para que as pessoas possam exercer a cidadania plenamente, elas devem ter acesso também a essa parcela da

cultura. Mas não é um acesso apenas no sentido de aprender a praticar, no caso, os esportes, mas também de compreendê-los profundamente.

Enquanto acadêmico do curso de educação física do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Santa Maria, foi possível analisar, a partir de pesquisas, que as metodologias de ensino dos esportes predominantes nas escolas não correspondiam com as possíveis justificativas do ensino dos esportes coletivos mencionadas acima, bem como não apresentavam objetividade e organização pedagógica, caracterizavam-se como uma prática pedagógica reprodutora de modelos socialmente dominantes, ou seja, o esporte elitizado inserido na escola.

Esse fato foi alvo de inúmeros estudos, problematizações e discussões acerca dos motivos ou razões que tornassem o ensino dos esportes na escola uma simples prática, ou seja, sem contextualizações pedagógicas. Apesar de algumas transformações significativas, estudos e pesquisas, o tema ainda sofre algumas críticas pela sua prática apresentar uma tendência à esportivização. O campo do conhecimento da Educação Física parece não apenas ter adotado o esporte como seu principal objeto de estudo e de intervenção prática como chega a confundir-se com ele, num processo referido como esportivização da educação física.

As aulas de educação física, na sua grande maioria, resumem-se no esporte de rendimento, segundo o qual a ênfase na perfeição técnica e tática sobrepõe os objetivos que deveriam, necessariamente, contemplar para a formação integral do aluno, por meio dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Em geral, as metodologias de ensino dos esportes baseiam-se na lógica do fazer pelo fazer, sem objetividade aparente. Tais resultados indicam que a escola está reproduzindo a educação esportiva consagrada na educação não formal, aos moldes dos clubes esportivos.

A partir dessa realidade esportiva no ambiente escolar, percebem-se algumas práticas que divergem das fases da iniciação esportiva, a saber: divisão dos mais aptos e dos menos aptos; especialização precoce; falta de planejamento e objetividade dos conteúdos; ensino de gestos altamente mecânicos e estereotipados etc.. Estes resultados estão de acordo com os princípios norteadores desse sistema esportivo que são fundamentados na seletividade, na exclusão, na valorização de quem vence o jogo, na busca constante do atleta precoce, na hipercompetitividade e na vitória a qualquer custo. (CARVALHO, 1987).

Desse modo, compreende-se que as práticas esportivas, na escola, inseridas de forma elitizada, não estão atendendo as necessidades de desenvolvimento individual e coletivo dos alunos. Essas práticas não propõem respostas às necessidades sociais dos educandos, bem como, não auxiliam na sua preparação para o convívio em sociedade.

Neste contexto, o esporte poderia ser desenvolvido em diferentes níveis de ensino, considerando a faixa etária, as habilidades pré-desenvolvidas e a realidade social do aluno entre outras. Para tanto, as práticas esportivas no âmbito escolar devem se pautar em metodologias e planejamentos de ensino que sustentem uma formação de qualidade, que possam legitimar o conteúdo a ser ensinado e que, de fato, proporcionem a formação integral e multilateral do educando.

A metodologia de ensino no processo didático-pedagógico escolar consiste na aplicação de diferentes métodos no ensino dos esportes coletivos. Para Garganta (1995), os métodos de ensino devem proporcionar ao praticante o desenvolvimento harmônico de todos os componentes do rendimento, inerentes à prática esportiva. Com isso, as capacidades de aprendizagem devem constituir-se em uma unidade estrutural, responsável pela condução e regulação de todo o processo de ensino-aprendizagem.

O autor complementa, ainda, que existem diferentes formas de ensinar os esportes coletivos, decorrentes de diversas interpretações e influenciadas pelas mais variadas correntes. Garganta (1995) caracteriza três formas didático-metodológicas: forma centrada nas técnicas; forma centrada no jogo formal e forma centrada em jogos condicionados.

Ao frisar a importância do planejamento no ensino da educação física e dos esportes, Hildebrandt e Laging (1994) afirmam que, mesmo quando os alunos tomam parte das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e maneiras de acontecer e praticar as aulas, "o ensino da educação física jamais é sem planejamento e sem objetivo, pelo contrário: ele necessita de planejamento".

O artigo justifica-se por questionar e evidenciar as lacunas existentes nos processos metodológicos do ensino dos esportes coletivos, contemplando uma formação integral do aluno, a partir do desenvolvimento de competências, habilidades e valores, de modo a compreender o esporte muito além da prática.

Para tanto, este estudo está organizado em três partes. Na primeira, a *Fundamentação Teórica*, apresentamos os fundamentos teóricos que embasaram esta pesquisa e está subdividida em seis seções i) *Educação física escolar: o esporte enquanto conteúdo*; ii) *O processo de ensino-aprendizagem dos esportes*; iii) *Planejamento e metodologia de ensino*; iv) *Metodologia de ensino baseada nos jogos condicionados*; v) *Estágios do desenvolvimento esportivo*; vi) *A função social da escola e do esporte no processo formativo*; e vii) *Diagnóstico da realidade encontrada a partir da prática pedagógica*. Na segunda parte, *Metodologia do trabalho*, descrevemos os procedimentos de análise dos documentos. Na terceira, *Resultados*, expusemos os resultados obtidos por meio dos documentos analisados –

planejamentos e memoriais. Por fim, apresentamos as conclusões da pesquisa, refletindo sobre os processos de ensino-aprendizagem na formação esportiva escolar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação física escolar: o esporte enquanto conteúdo

O fenômeno esporte tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea, constituindo-se como um dos mais importantes objetos de análise, não apenas das ciências do esporte, mas também de múltiplas abordagens literárias.

Para Kunz (2001, p. 73), a escola se configura como um dos espaços de organização social onde as práticas esportivas acontecem, cabendo ao profissional da educação física proporcionar, pela tematização do seu conteúdo específico, uma compreensão crítica das práticas esportivas, potencializando os sujeitos a estabelecer vínculos com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

No entanto, um dos desafios da educação física escolar brasileira atual, segundo González (2006, p. 70), é a possibilidade e a pertinência de se pensar e desenvolver um projeto curricular para organização e sistematização dos conteúdos de ensino dessa disciplina no conjunto dos anos escolares. O autor parte da ideia de que, se a educação física é um componente curricular responsável por um determinado campo de saber, os professores da área devem fazer o esforço de explicitar o conjunto de conhecimentos que se entendem de responsabilidade desse componente curricular e explicar como eles se organizam para potencializar a assimilação ativa e significativa dos conteúdos por parte dos alunos.

Oliveira (apud González, 2006, p. 71) afirma que “um dos grandes problemas da educação física escolar está em organizar e sistematizar os conteúdos a serem trabalhados ao longo da vida escolar, da educação infantil até o ensino médio”. O autor entende que existem várias propostas indicadoras de como trabalhar, porém, elas são embrionárias quando se trata de estruturar e organizar os conteúdos da área.

Além disso, o entendimento de conteúdo em educação física já passou por inúmeras transformações, até recentemente (meados da década de 1980), foi marcado pela ideia de atividade, no caso, de uma atividade física. Enquanto em outras disciplinas escolares o conteúdo sempre foi entendido como um conhecimento de caráter conceitual, na educação física, ele era visto como uma atividade.

Esse entendimento conferiu um caráter diferenciado à educação física no que diz respeito ao *modus operandi*¹ das disciplinas escolares, que se caracterizam, normalmente, por dispor de um conjunto de conhecimentos mais ou menos estável, registrado e sistematizado em livros-texto ou livros didáticos; e incluir registros sistemáticos dos alunos em seus cadernos e avaliações escritas. No caso da educação física, compreendida como atividade, esses elementos não faziam sentido, já que não havia um conhecimento (embora se buscasse a transmissão e internalização de valores) a ser registrado e, sim, uma atividade física que impactava o corpo e o comportamento dos alunos.

Ainda, no período do pós-guerra, o esporte sofreu um considerável desenvolvimento quantitativo, afirmando-se, paulatinamente, em todos os países sob a influência da cultura europeia, como o elemento hegemônico da cultura de movimento. No Brasil, nesse mesmo período, as condições para o desenvolvimento do esporte também se intensificaram, em razão do desenvolvimento industrial, com a conseqüente urbanização da população e dos meios de comunicação de massa. Também, a progressiva esportivização de outros elementos da cultura de movimento, sejam elas vindas do exterior, como o judô ou o karatê, ou genuinamente brasileiras, como a capoeira, contribuíram para a expansão esportiva.

A educação física, nessas circunstâncias, passou a assumir os códigos da instituição esportiva, não formal, tanto que, a partir de então, configurou-se como “esporte na escola” e não como “esporte da escola”, o que indica sua subordinação aos códigos/sentido da instituição esportiva (BRACHT-V, 1997, p. 22).

A partir dessa transformação, o esporte na escola passa a ser um braço prolongado da própria instituição esportiva, cujos códigos podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa desses códigos do esporte para a educação física. Ainda, ao se utilizar a linguagem sistêmica, poder-se-ia dizer que a influência do meio-ambiente não foi/é selecionada (filtrada) por um código próprio da educação física, o que demonstra sua falta de autonomia na determinação do sentido das ações em seu interior.

É importante ressaltar que o desenvolvimento da instituição esportiva não se dá independentemente da educação física, haja vista que uma é condicionada a outra. A esta é colocada a tarefa de fornecer os “fundamentos” para o esporte de rendimento determinados

¹ Expressão em latim que significa: modo de operação.

por aquela. A escola, compreendida como a base da pirâmide esportiva, é o local onde o talento esportivo vai ser descoberto.

Muitos pedagogos da educação física/esporte têm realçado a contribuição do esporte na socialização das crianças, contribuição essa que tem sido utilizada como justificativa para a inclusão da educação física nos currículos escolares. Neste sentido, as colocações indicam que a criança, a partir do esporte, aprende que, entre ela e o mundo, existem “os outros” e que, para a convivência social, precisa obedecer a determinadas regras e ter determinado comportamento (OBERTEUFER; ULRICH, 1977).

Também se percebe que a nova geração é educada em e para uma sociedade competitiva na qual o princípio de rendimento se impõe. O jovem esportista é confrontado muito cedo com princípios de rendimento, e dele é esperado não só suportar diferenças de rendimento, como também considerá-los (BÜHRLE apud DIETRICH, 1975).

Embora o tema esporte nunca tenha saído efetivamente do cenário enquanto objeto de crítica e posições teóricas distintas, para Bracht (2001) ele parece viver um período de “renascimento”. É a constatação de que o tema não se esgotou.

Atualmente, de acordo com Saviani (2005), a educação física tem servido para instaurar, na escola, saberes científicos, técnicos, estéticos, dentre outros, com o propósito de revelar algo de diferente na vida dos envolvidos e da sociedade. O ponto de partida da prática esportiva enquanto educação é revelar algumas situações de equilíbrio da hierarquia educacional, o que é importante não apenas ao professor como formador de ideias, mas sim ao professor/aluno/escola/sociedade, responsáveis pela construção do conhecimento comum.

Embora a referência básica para a educação física fosse a aptidão física, a forma de atividade física que, nas décadas de 1970 a 1990, se tornou hegemônica como conteúdo das aulas de educação física foi o esporte. Isso se deve ao fato de que, nas políticas públicas para o setor da educação física e do esporte, a educação física escolar foi concebida e integrada ao sistema esportivo brasileiro.

Uma das funções da educação física era promover a iniciação esportiva, no sentido de identificar talentos que pudessem, no futuro, participar das equipes representativas da Nação no cenário esportivo internacional. Ou seja, a referência à aptidão física não foi abandonada, mas relativizada em função da importância política e econômica que o esporte assumiu na sociedade. Esse processo de ascendência do esporte ficou conhecido como a “esportivização” da educação física.

Assim, nos diferentes níveis de ensino, o conteúdo da educação física passou a ser composto, fundamentalmente, pelo esporte, nas suas mais variadas modalidades, distribuídas

nas diferentes séries. As modalidades esportivas que mais se fizeram presentes e, de certa forma, ainda persistem, são o futebol/futsal, o voleibol, o basquetebol e o handebol. Logo, em muitas escolas, a educação física passa a ser sinônimo de esporte, ou seja, têm-se, como conteúdo específico da disciplina, apenas os esportes coletivos.

Neste sentido, compreende-se a preocupação de Paes (2001), no que diz respeito ao oferecimento do esporte como conteúdo curricular.

O esporte deve ser oferecido de forma que o aluno possa compreendê-lo integralmente. Através de conhecimentos teóricos e práticos, deve conhecer suas diferentes modalidades, aprender e vivenciar seus fundamentos, compreender suas regras, bem como conhecer sua história e evolução, a fim de que o ensino do esporte na escola se configure como um saber, diferenciando-se da atividade esportivizada (PAES, 2001, pg.40).

Para Bracht (2010), outro aspecto importante que deriva desse entendimento do conteúdo da referida disciplina é que o **saber fazer** e o **saber sobre esse fazer corporal** devem ser tematizados de forma historicizada, de modo que fique claro, para os alunos, que as formas de movimento são construções socioculturais as quais abrigam significados datados e que são diretamente influenciadas pelo meio no qual estão inseridas.

A Educação Física não pode ficar reduzida a objetivos mecanizados, de rendimento, de melhoria de desempenho, visando somente ao desenvolvimento de algumas modalidades esportivas, de modo a privilegiar os mais aptos e prejudicar os demais. Pois, desta forma, as aulas que deveriam ser alegres, descontraídas, tornam-se estressantes e opressoras, já que não levam em consideração o prazer, a ludicidade, a espontaneidade e as diferenças entre os alunos envolvidos.

Para Belbenoit, (1976, apud BETTI, 1992), o esporte pode contribuir para reforçar o desenvolvimento de valores como a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a cooperação, tornando-se um meio de convivência humana. Porém, o esporte só pode ser educativo quando o educador faz dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação.

Portanto, o esporte a ser desenvolvido na escola e na aula de Educação Física deve ser integrador, inclusivo e garantir a assimilação de conhecimentos sobre ele que poderão ser úteis na vida do educando. Entretanto, não conseguimos perceber o desenvolvimento do esporte dessa forma na escola. Ainda faltam elementos pedagógicos para que ele se estabeleça assim ou que seja garantido juntamente com o desenvolvimento do esporte na perspectiva de alto rendimento.

2.2 O processo de ensino-aprendizagem dos esportes

Ao tratarmos sobre formação esportiva da escola, é importante compreender a relação pedagógica com os primeiros passos para a formação esportiva. O esporte é um dos conteúdos da educação física escolar que, na sua base, tem como objetivo proporcionar um desenvolvimento multilateral, ou seja, que desenvolva, no aluno, habilidades motoras básicas, as quais segundo Gallahue (2008), consistem em uma série de movimentos realizados com exatidão e precisão. Desse modo, deve proporcionar ao aluno uma pluralidade de atividades e exercícios, que, de forma gradativa, vá adquirindo elementos básicos para agregar conhecimentos técnicos, táticos e cognitivos ao longo de seu desenvolvimento.

Pensando o esporte nos seus diversos objetivos, como lazer, saúde, competição, educação, enfim, mais do que o fazer pelo fazer, o praticar pelo praticar, é importante desenvolver o posicionamento crítico ao praticante, que, além de realizar as tarefas, compreenda por que está executando-as e que possa desenvolver habilidades que o permitam tomar as decisões próprias frente às situações do jogo. Talvez, essa seja uma das maiores dificuldades encontradas no campo escolar, pois os alunos demonstram-se ser dependentes do professor, na grande maioria das situações. Eles têm a tendência de apenas reproduzir o gesto técnico apresentado pelo professor, deixando de desenvolver um dos principais recursos dos esportes, a tomada de decisão.

Essa lógica está relacionada diretamente com a abordagem tecnicista em que a aptidão física ou a performance motora (ou do movimento) estão em destaque quase exclusivo. Essas sistematizações de ensino consideram apenas o aspecto instrucional do gesto motor ou performance motora como objetivos de uma aula de educação física, deixando pouco, ou nenhum espaço, para o desenvolvimento de conteúdos formativos ou socioculturais, de igual ou maior importância, dentro de um projeto pedagógico de educação física escolar.

Segundo Garganta (1995), trabalhar a tomada de decisão no ensino dos esportes coletivos, como forma de conceituar o que é melhor fazer em determinadas situações, está bastante associada à ideia de decidir frente a situações que ocorrem de forma mais padronizada (que podem ocorrer no jogo, sem dúvida). Contudo, pelo fato do aluno tornar-se dependente do professor, ele acaba não desenvolvendo o hábito de pensar sobre e de tomar uma decisão referente a uma determinada situação do jogo, fato que dificulta a aquisição da sua própria autonomia frente às decisões do jogo.

Nessa lógica, podemos dizer que o aluno é lapidado conforme o desejo do professor, o qual engessa a técnica e a tática ao aluno sem que o mesmo saiba ou ao menos compreenda o

que e por que está fazendo determinada atividade. Portanto, consideramos importante que o processo de ensino-aprendizagem dos esportes contemple um planejamento estruturado, de forma que o foco, na maioria das modalidades esportivas, seja o desenvolvimento geral e não o desenvolvimento unilateralizado do aluno (característico de uma determinada modalidade esportiva).

Quando esses fatores são negligenciados na infância, ou seja, o ensino dos esportes desenvolvido de forma unilateralizada, o sujeito é especializado precocemente, como um adulto em miniatura. De acordo com Kunz (1994), a especialização precoce pode ser entendida a partir da inclusão da criança, antes da fase pubertária (10 aos 16 anos), a um treinamento sistematizado em longo prazo, com no mínimo três sessões por semana, com o aumento gradativo do rendimento, além de participações esporádicas em competições. Em consonância com essa ideia, Neves e Ramos (2008) afirmam que a especialização precoce é imposta por meio de atividades esportivas competitivas, estimuladoras de comportamentos rígidos e incoerentes com o desenvolvimento da criança.

As pressões psicológicas, sofridas para cumprir a técnica com perfeição e eficiência, impedem a criança de ter prazer e compreensão do esporte. Basicamente, tal prática não propicia uma sequência didática que o leve a absorver o esporte em sua formação integral. (MACHADO, 2008).

Quando o termo precoce é acrescentado à especialização esportiva, significa dizer que, nesse caso, as crianças estão se tornando especializadas em um determinado esporte mais cedo do que a idade apropriada para tal, ou seja, prematuramente. As possíveis consequências desse ato estão diretamente ligadas ao fato de se adotar, por longo período de tempo, uma metodologia incompatível com as características, interesses e necessidades delas. Logo, os possíveis efeitos podem não se manifestar diretamente, mas no decorrer de temporadas ou a longo prazo.

A formação esportiva escolar tem atribuído características que se encaminham para especialização precoce. Muitas vezes isso acontece de forma obsessiva quando o assunto são crianças e jovens com potencialidades para determinados esportes, com o objetivo de prepará-los, cada vez mais cedo, para obter resultados elevados. Com isso, eles são submetidos, cedo demais, a uma preparação especializada e unilateral, com cargas elevadas de treino (BARBANTI, 2005).

Apesar da ideia muito comum de que ensinar um esporte é apenas ensinar a praticá-lo, já existe a compreensão e a necessidade de a teoria/prática esportiva, enquanto parte do conteúdo a ser ensinado na escola, ser mediada por uma teoria pedagógica crítica, que

reconheça o esporte como um fenômeno socialmente produzido. Dessa forma, a escola deixará de reproduzir nas aulas o modelo de esporte desprovido de reflexão e tematização.

É importante, desde a iniciação esportiva, estimular o aluno a pensar sobre suas ações dentro do jogo coletivo, tornando-o autor de suas decisões, para que, confrontando-se com erros e acertos, reflita sobre suas ações no jogo. Dessa forma, o aluno poderá construir um acervo de conhecimentos teóricos e práticos que poderão contribuir para sua formação esportiva.

Considerando o desenvolvimento infantil balizando o processo de ensino-aprendizagem, cabe ao professor em questão o conhecimento para que se dê sequência a uma iniciação esportiva de qualidade, respeitando os fatores biológicos, culturais e morais.

Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem não deveria pautar sua estruturação pedagógica em conhecimentos empíricos, norteadores do sistema esportivo. Ter uma pessoa não qualificada no papel do professor é extremamente preocupante uma vez que, como dito acima, é uma função de muita responsabilidade por lidar com o futuro de muita gente.

[...] crianças não são, na sua natureza, especialistas: elas são generalistas. A especialização precoce com cargas unilaterais (um só tipo de esporte), como a dos adultos, é copiada neste modelo em relação às exigências das cargas em geral, e isto não tem sido adequado. Pelo contrário, apresentam desarmonias no desenvolvimento, acompanhadas de um abandono precoce do esporte, antes de se ter chegado ao alto nível de rendimento (KRÖGER E ROTH, 2002, p. 9).

Contrariando os princípios da especialização precoce no meio escolar, o aluno deve ter a oportunidade de experimentar um número grande de situações em diferentes modalidades esportivas através de jogos pré-desportivos, estas que deverão ser trabalhadas na fase inicial do desenvolvimento motor. Cada uma dessas situações poderá ser responsável pela abertura de um grande número de possibilidades, sendo que, quando cada uma for experimentada, poderá abrir outras tantas.

Os esportes coletivos devem ser ensinados de forma prazerosa, podendo aplicar uma metodologia que supere as metodologias existentes, as quais ficam com a mera repetição dos gestos dos fundamentos dos esportes ou modalidades.

Freire (2002) afirma que ao final de um longo processo, o acervo de possibilidades motoras, intelectuais, sociais, morais, e assim por diante, disponível no jovem que se formou na lógica do desenvolvimento multilateral, será imensamente mais amplo que no jovem formado em uma equipe ou escolinha que lhe impôs um sistema de superespecialização.

Desse modo, tanto na educação formal quanto na educação não formal, é imprescindível que os alunos vivenciem jogos, brincadeiras, dinâmicas, desafios das diferentes modalidades esportivas, pois, a integração destas experiências contribuirá para as aprendizagens posteriores (GRECO; BENDA, 2006).

2.3 Planejamento e metodologia de ensino

Ao estruturar de forma constante o planejamento curricular e a metodologia de ensino, podemos contemplar uma formação de qualidade, a qual possa legitimar o conteúdo a ser ensinado e de fato proporcionar uma formação integral e multilateral, a partir de métodos de ensino que correspondam com a realidade escolar.

Nesse sentido, Libâneo (2002) afirma que método de ensino é a ação do professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, quando utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos.

Evidente que não há apenas uma forma de ensinar, são várias as alternativas de métodos, mas é importante ter o conhecimento que os mesmos existem e apresentam uma importância significativa no processo de ensino e aprendizagem, afinal, é o caminho pelo qual iremos atingir os objetivos estabelecidos.

Segundo Bayer (1994), podemos considerar duas correntes pedagógicas de ensino para os jogos desportivos coletivos: uma utiliza os métodos tradicionais ou didáticos, decompondo os elementos (fragmentação), na qual a memorização e a repetição permitem moldar a criança e o adolescente ao modelo adulto. Tais comportamentos, provavelmente, levariam o aluno à especialização precoce.

A outra corrente destaca os métodos ativos, que levam em conta os interesses dos alunos e que, a partir de situações vivenciadas, iniciativa, imaginação e reflexão, possam favorecer a aquisição de um saber adaptado às situações causadas pela imprevisibilidade. Essa abordagem pedagógica, chamada de pedagogia das situações, deve promover aos indivíduos a cooperação com seus companheiros, a integração ao coletivo, opondo-se aos adversários, mostrando, ao aluno, as possibilidades de percepção das "situações de jogo". Assim, poderá interferir na tomada de decisão, elaborar uma "solução mental", buscar resolver os problemas que surgem com respostas motoras mais rápidas, principalmente nas interceptações e antecipações, frente às atividades dos adversários.

2.4 Metodologia de ensino baseada nos jogos condicionados

Para Balbinotti (1997), as principais tendências pedagógicas no âmbito esportivo são as reprodutivistas e construtivistas. A concepção reprodutiva (tradicional) é aquela que prioriza as capacidades intelectuais, tendo como primeiro objetivo a formação do homem. A concepção construtivista para o autor pressupõem estratégias da integração entre educação intelectual e corporal, e de um conceito de autoconstrução.

Como método preferencial deste autor, a metodologia do jogo condicionado tem o objetivo de desenvolver situações específicas do desporto. Essa metodologia pretende estimular nos alunos a inteligência tática, a técnica individual, a autonomia, o senso de responsabilidade, o poder de decisão, a capacidade de resolver problemas, a criatividade, a iniciativa e a leitura do jogo, de uma forma dinâmica, motivadora e espontânea. Dessa forma, podemos possibilitar o desenvolvimento multilateral e a autenticidade de aprendizagem do nosso aluno.

Partindo do princípio que os esportes coletivos são fortemente caracterizados pelo seu teor tático, vê-se necessário uma metodologia de ensino que consiga fazer o iniciante pensar e achar soluções para as dificuldades impostas pelo jogo.

A tática acontece primeiro no plano das ideias, podendo, assim, ser considerado o elemento inteligente do jogo (SANTANA, 2004). A partir de metodologias apropriadas, os alunos devem ter o maior número possível de vivências motoras, sem se restringir aos aspectos técnicos, tendo a liberdade e o entendimento das possibilidades de ocupação espacial dos diversos setores da quadra e, assim, poder ter a real concepção do jogo (VOSER, 1999).

Os jogos condicionados têm como característica a possibilidade de desmontagem do jogo em unidades funcionais que podem ser reconstruídas ao longo do processo de ensino aprendizagem, fazendo com que os princípios do jogo controlem esta aprendizagem (GARGANTA, 1998).

Neste processo, a técnica surge em função da tática, de forma dirigida e intencional, de modo que os alunos desenvolvem uma inteligência tática, interpretando e aplicando corretamente os princípios do jogo (DAOLIO; MARQUES, 2003). A participação, o posicionamento e a movimentação dos jogadores se tornam mais importante do que a execução do gesto técnico.

Assim como Balbinotti (1997), Greco (1998), entre outros citados, pensamos que, dentre os métodos existentes, o método condicionado ou situacional pode atribuir algumas relações mais condizentes para a formação integral dos alunos. Dentre as características desse

método, tem-se a proximidade de ações e situações apresentadas com as encontradas no jogo formal; possibilidade de que o aluno conheça o jogo em suas diferentes fases e planos, conforme estruturas típicas do mesmo; inter-relaciona capacidades técnicas, táticas e cognitivas na busca por soluções a situações problema; contato, desde o início, com regras formais e de ação do jogo.

Estes autores também defendem que a técnica desportiva é praticada na iniciação aos conceitos da tática, ou seja, aliando o "como fazer" à "razão de fazer". Não se trata de trabalhar os conteúdos da técnica apenas pelo método situacional, mas sim de utilizá-lo como um importante recurso pedagógico.

O desempenho esportivo, no que diz respeito à iniciação esportiva, é executado em um ambiente aberto, sob várias condições de oposição e cooperação, que aumentam bastante a imprevisibilidade do gesto esportivo. Esta característica esportiva tem de ser considerada no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento dos métodos de ensino. Na perspectiva de se trabalhar com o método situacional, considera-se a questão de oposição e cooperação, além de acreditar que o planejamento possa atribuir o jogo como um todo, evidenciando as ações do jogo.

Tais ações realizam-se sempre em cooperação direta com os companheiros de equipe e em oposição aos adversários (TAVARES, 1996). Nessa situação de oposição e cooperação, surge o problema fundamental dos esportes coletivos, de acordo com Gréhaigne e Guillon (citados por GARGANTA, 1998b) e Gréhaigne e Godbout (1995): coordenar as ações com a finalidade de recuperar, conservar e fazer progredir a bola, tendo como objetivo criar situações de finalização e marcar gol ou ponto. A relação de oposição é estabelecida pelas situações de ataque e defesa. Cada princípio de ataque encontra oposição num princípio de defesa. A relação ataque/defesa e a relação cooperação/oposição compõem, segundo Moreno (citado por TAVARES, 1996) e Oliveira e Ticó (1992), a estrutura funcional dos esportes coletivos.

Segundo Greco (1999), os modelos de ensino-aprendizagem fundamentados em concepções do desenvolvimento da capacidade tática possibilitam que os praticantes utilizem de forma inteligente os elementos técnicos necessários à solução das diferentes situações de jogo, sugerindo, para isto, a utilização de uma metodologia situacional.

A metodologia situacional é constituída por formas próprias de condutas, quando a criança deve adquirir uma capacidade geral do jogo. Estes jogos devem ser apresentados de forma que os praticantes vivenciem situações o mais próximo possível da realidade do jogo (KRÖGER; ROTH, 2002).

Definida como uma das novas correntes metodológicas, a metodologia situacional, caracterizada como uma opção metodológica ativa enfatiza o desenvolvimento da compreensão tática e dos processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão, evitando que os praticantes sejam condicionados a um desgastante processo de ensino da técnica e a uma especialização precoce na modalidade, excluindo a oportunidade de desenvolver e promover uma cultura esportiva apoiada na diversidade. Ao mesmo tempo, o método visa a oportunizar ao aluno uma construção do conhecimento tático-técnico (GIACOMINI, 2007).

Todos esses autores citados acima possuem a concordância em evidenciar a importância da iniciação esportiva por meio de uma metodologia situacional contribuindo dessa forma para a formação integral do aluno sobre os aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Diante da realidade do ensino dos esportes, ressaltamos a importância que a educação física tem na formação esportiva, haja vista que talvez este seja o único espaço no qual algumas crianças têm para a prática esportiva. Dentre os fatores para esta condição estão a violência, a era tecnológica, a falta de opções de lazer, entre outros. Nesse sentido, a metodologia dos jogos condicionados/ método situacional se faz importante, no estágio de iniciação esportiva, pelo fato dela promover o entendimento amplo do jogo; os papéis e subpapéis do praticante, a relação de oposição-cooperação e a combinação entre os aspectos técnicos e táticos.

2.5 Fases da iniciação esportiva

Nos dias atuais, para atingir uma formação esportiva de qualidade, os alunos dedicam-se à atividade esportiva durante muitos anos de suas vidas. Por isso, tornou-se necessária uma subdivisão metodológica rigorosa a longo prazo, relacionada à preparação dos alunos, na qual as etapas e fases não têm prazos definidos de início e finalização, pois dependem não só da idade, mas também do potencial genético do esportista e do ambiente no qual ele está inserido, das particularidades de seu crescimento, maturação, desenvolvimento, entre outros, e também das características de cada modalidade esportiva escolhida.

Analisando alguns autores que trabalham com as fases da iniciação esportiva, como Bompa (2002); Paes (2001); Kröger e Roth (2002); Greco e Benda (2001), percebem-se diferentes pensamentos sobre as fases da iniciação esportiva, tendo como principais diferenças as faixas etárias e as metodologias.

O autor Bompa (2002) descreve a sua proposta de iniciação esportiva a partir de fases. Para ele, os alunos, em sua totalidade, seriam divididos em apenas quatro faixas etárias durante o processo de treinamento. Na primeira fase, dos 06 aos 10 anos de idade, as atividades propostas viriam repletas de ludicidade, de modo que o objetivo principal seria desenvolver a multilateralidade e trabalhar em um caráter esportivo geral. Na segunda fase, dos 11 aos 14 anos, os alunos iriam ser expostos a exercícios para desenvolver e aprimorar suas aptidões e habilidades motoras. Dos 15 aos 18 anos, os jovens estariam já na terceira fase da proposta e teriam a introdução de técnicas e táticas esportivas além do primeiro aumento mais conciso de volume e intensidade de treino. Na última fase, destinada para alunos com mais de 19 anos, Bompa (2002), sugere que seja iniciado o treinamento específico da modalidade escolhida pelo aluno.

Paes (2001) estrutura a iniciação esportiva para dentro das aulas de Educação Física, nas escolas. Essa proposta do autor tem um caráter multidisciplinar e está dividida nas quatro fases que seguem explicadas. Na primeira fase, estariam enquadrados alunos de 07 e 08 anos de idade, e durante essas aulas, seria trabalhado com maior ênfase o domínio corporal e manipulação de bolas e objetos. A segunda fase, com os alunos variando entre 09 e 10 anos, seria iniciado um trabalho maior com bola, porém multidisciplinar. As habilidades a serem desenvolvidas mais especificamente durante essa fase seriam os passes, as recepções e os dribles. De 11 a 12 anos, os jovens estariam na terceira fase da planificação e já estariam aptos a trabalhar as finalizações em geral e também os fundamentos básicos das principais modalidades esportivas. Na última fase, com os alunos entre 13 e 14 anos, já seria possível trabalhar o jogo e os sistemas ofensivos e defensivos.

Os autores Kröger e Roth (2002), propõem a iniciação esportiva de uma maneira diferenciada do que vimos até agora. Nesse projeto, a iniciação esportiva, independente da idade dos alunos, tem a duração de um ano e busca desenvolver habilidades gerais com bolas. Para tanto são utilizadas diversas bolas de tamanhos e pesos diferenciados para que se possa oferecer uma base motora consistente ao aluno, e que este, por sua vez, esteja apto para iniciar um treinamento esportivo ao fim desse ano de iniciação esportiva. Os autores não propõem uma divisão etária, mas sim um trabalho de um ano com os alunos com diversos exercícios os quais estimulem diversas habilidades motoras e psíquicas.

Greco e Benda (2001) propõem uma divisão de fases da iniciação esportiva que veremos com maiores detalhes adiante, utiliza critérios que abrangem o desenvolvimento motor, cognitivo e levam em consideração a bagagem cultural e a escolha de cada aluno. Para

facilitar a compreensão do esquema proposto por Greco e Benda (2001), segue uma figura baseada na publicação dos autores.

2.6 A função social da escola e do esporte no processo formativo

O esporte, mesmo sendo um fenômeno social significativo e com interferência na formação dos indivíduos, apresenta poucos estudos em relação ao seu sentido e significado como um elemento formador de hábitos e atitudes saudáveis, com novos conhecimentos e novas formas de se movimentar (KUNZ, 1994).

Será que não estamos reproduzindo uma metodologia, acrítica, tecnicista, celetista num meio no qual deveríamos explorar a formação humana, adaptando a criança ao esporte e não o esporte à criança?

Considerando o esporte como um fenômeno sociocultural com múltiplas manifestações em variados contextos o esporte, como conteúdo da Educação Física na escola, deveria ser oferecido de forma que o aluno pudesse compreendê-lo integralmente, conhecendo suas diferentes modalidades; seu ensino deveria abranger conhecimentos teóricos e práticos, dando oportunidade ao aluno de aprender e vivenciar seus fundamentos, compreender suas regras, bem como conhecer sua história e evolução. Dessa forma, a formação integral, não apenas no aspecto da aprendizagem motora e técnico-tática esportiva, deveria contemplar a aprendizagem social, na formação de um futuro cidadão ético, honesto, livre, crítico e participativo socialmente.

O professor, nesse sentido, representa o momento de ruptura em relação ao que é determinado socialmente, ao mesmo tempo em que define uma conduta para levar o educando a uma solidariedade consciente, no sentido coletivo de sua formação (LIBÂNEO, 1985). O professor não deve distanciar a prática esportiva do meio social, faz-se necessário interagir com ambos, enaltecer a relação existente entre ambas e as transformações ocorridas e suas influências políticas, econômicas e sociais.

Freire (1994) afirma que o professor de educação física que trabalha com a formação esportiva tem como objetivo, além de passar seu conhecimento da área de esportes, a educação do seu aluno para a vida em sociedade. Em sua obra mais recente, “Ensinar esporte, ensinando a viver”, Freire (2012) evidencia as diferenças entre o esporte de alto rendimento e o esporte educacional, tanto quanto aos objetivos quanto às metodologias.

O esporte de alto rendimento busca o recorde, a medalha, a glória, o lucro. O esporte educacional busca a formação para a vida, busca potencializar as dimensões de aprendizagem que favorecem oportunidades de uma vida melhor. O esporte de alto rendimento objetiva o mercado, isto é, vender o esporte como uma mercadoria lucrativa. O esporte educacional objetiva valorizar a vida, educando crianças, pessoas conscientes de seus direitos e responsabilidades sociais (FREIRE, J.B., 2012, p. 52).

Na escola, o professor, deveria buscar o entendimento de que, o que determinará o uso que o indivíduo fará do movimento (na forma de esporte, de jogo, de trabalho manual, de lazer, de agressão a outros e à sociedade, etc.) não será, em última análise, a condição física, habilidade esportiva, flexibilidade etc., e sim, os valores e normas de comportamento para a convivência em sociedade.

Ainda, neste processo de iniciação, o professor deveria se preocupar e se organizar a fim de tornar o meio esportivo um ambiente facilitador de relações interpessoais. Para isso, é necessário que o professor propicie ao grupo situações nas quais a cooperação, respeito, solidariedade e companheirismo sejam necessários. A este respeito, Santana (2005) afirma que a criança precisa sentir-se aceita para jogar e para se expressar plenamente; ela precisa se sentir bem para dialogar, questionar, arriscar e propor. Precisa ainda saber que tem o direito de errar e que não será julgada por isso - nem pelo professor e nem pelos outros alunos. Assim, o autor traz o erro como um elemento importante no processo de aprendizagem, apontando que é a partir do erro que a criança descobrirá uma possível solução para o problemas técnico-táticos e de relacionamentos que a prática esportiva apresentam

Deve fazer parte da pedagogia da prática esportiva, entre outras, conversar sobre os acontecimentos que a envolvem, de modo a inserir o aluno em situações desafiadoras, estimulá-lo à tomada de decisão, à criação de suas próprias soluções e à reflexão discursiva, levando-o a compreender suas ações (FREIRE, 1998).

2.7 Diagnóstico da realidade encontrada a partir da prática pedagógica

Dentro da lógica dos estágios do desenvolvimento esportivo, a partir da análise feita sobre o estágio de iniciação esportiva, percebe-se que o mesmo não apresenta um planejamento com objetivo de proporcionar um desenvolvimento multilateral do aluno a fim de prepará-lo para a próxima fase que seria a formação esportiva.

Muitos alunos dos anos finais do ensino fundamental apresentam dificuldades quanto às habilidades motoras básicas, dificultando dessa forma o desenvolvimento contínuo dos elementos básicos para o estágio de formação esportiva. Logo, dificilmente encontramos um

planejamento, uma articulação referente aos conteúdos a serem tratados, ou seja, em uma aula trabalhamos o fundamento do passe no futsal, na segunda aula, sem articulação alguma com a primeira aula, iremos trabalhar finalizações. Essa parcialidade pode ser o reflexo da falta de planejamento ou de um planejamento mal estruturado, o qual não se adequa ao processo contínuo e, sim, para apenas uma determinada aula.

A avaliação, a partir da análise da realidade, é resumida em frequência dos alunos e participação em aula. Evidentemente, são formas avaliativas convinentes, acontece que o aluno não tem um feedback necessário que possa nortear a sua formação, logo, basta o aluno apresentar uma frequência e uma participação satisfatória que será aprovado, independentemente se houve ou não avanço.

Percebe-se que a educação física atual valoriza, além de seus aspectos humanísticos (social, crítico-cognitivo, psicológico, afetivo), também seus aspectos físicos (desenvolvimento motor e desenvolvimento das habilidades e capacidades físicas) e, por meio dessa união, preconiza-se a formação de um ser integral. Através da união dos aspectos humanísticos com os aspectos físicos, ou seja, aspectos mensuráveis e não mensuráveis, surge, conseqüentemente, a união de métodos avaliativos (quantitativo e qualitativo).

De acordo com o que evidenciamos no referencial teórico deste trabalho, o desenvolvimento do esporte escolar não tem a função de especializar ninguém, mas sim, de se adequar às necessidades de desenvolvimento individual e coletivo, de propor respostas às necessidades sociais dos jovens, além de auxiliar na preparação destes para o convívio em sociedade, ampliando as possibilidades de participação e de sucesso.

Percebe-se que o professor tem uma função importante, a qual vai além de ensinar, já que passa a ser um grande referencial para o aluno, contribuindo na formação sociocultural do mesmo.

Diante do objetivo deste trabalho e as intervenções práticas enquanto acadêmico de educação física, percebe-se que a realidade da educação física de muitas escolas é a esportivização, principalmente nas escolas que possuem a educação física no turno inverso, ou seja, a disciplina é ofertada no turno inverso das demais disciplinas. Nessa situação, a educação física é organizada por oficinas esportivas (oficina de futsal, oficina de voleibol, oficina de basquete, oficina de handebol) e os demais conteúdos da cultura de movimento são simplesmente abolidos.

Não se trata de inventar conteúdos para a educação física escolar, os conteúdos tradicionalmente inseridos nos currículos escolares já estão identificados e classificados - esportes, danças, ginásticas, lutas, jogos e brincadeiras. Exige-se, contudo, outro trato

pedagógico sobre eles, capaz de produzir uma cultura escolar de movimento que supere a simples prática dos conteúdos e os perceba como conhecimento gerado a partir de manifestações humanas contextualizadas e que, como tal, podem ser vivenciados, apropriados e reinventados subjetiva e coletivamente pelos autores/atores sociais da escola.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA ESTUDADO

A partir do estudo realizado, percebe-se que a educação física ainda sofre com problemas de décadas passadas, apesar dos avanços. Hoje, como componente curricular, não se tem clara ainda qual a função da educação física no contexto escolar, seja a promoção da saúde, a prática esportiva, a recreação, enfim.

Para Kunz (2012) muitos pesquisadores da área admitem não ser favorável a total desesportivização da educação física, isto é, o abandono do esporte ou a negação das duas possibilidades educativas como meio pelo qual pode ser reconhecida e interpretada a organização da sociedade. Para tanto, têm sido formuladas propostas conceituais e metodológicas que visam, sobretudo, a construção de um esporte escolar, isto é, uma manifestação pedagogicamente modificada dessa específica cultura de movimento, produzida na/para a escola a partir do eixo tensionado entre as dimensões do esporte de rendimento e o de lazer.

É possível constatar que a grande dificuldade enfrentada pelos professores de educação física é justamente a organização curricular, as etapas de ensino, a forma de avaliação, entre outros. Perante essa dificuldade, cada professor elabora o seu planejamento/metodologia diante daquilo que entende ser propício para o desenvolvimento pedagógico. O resultado dessa dificuldade encontrada é justamente o perfil que a educação física apresenta na maioria das escolas: como sinônimo de esporte.

A Educação Física não pode ficar reduzida a objetivos mecanizados, de rendimento, de melhoria de desempenho, visando somente ao desenvolvimento de algumas modalidades esportivas, privilegiando os mais aptos e prejudicando os demais. Pois, desta forma, as aulas que deveriam ser alegres, descontraídas, tornam-se estressantes e opressoras, já que não levam em consideração o prazer, a ludicidade, a espontaneidade e as diferenças entre os alunos envolvidos.

Para Belbenoit, (1976, apud BETTI, 1992), o esporte pode contribuir para reforçar o desenvolvimento de valores como a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a

cooperação, tornando-se um meio de convivência humana. Porém, o esporte só pode ser educativo quando o educador faz dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação.

Portanto, o esporte a ser desenvolvido na escola e na aula de educação física deve ser integrador, inclusivo e garantir a assimilação de conhecimentos sobre ele que poderão ser úteis na vida do educando. Entretanto, não conseguimos perceber o desenvolvimento do esporte dessa forma na escola. Ainda faltam elementos pedagógicos para que ele se estabeleça assim, ou que seja garantido assim juntamente com o desenvolvimento do esporte na perspectiva de alto rendimento.

A educação física associa uma pedagogia de desenvolvimento, que respeita aquilo que o aluno traz em si, a uma pedagogia de formação, preocupada em proporcionar-lhe mais saberes sobre si mesmos e sobre o mundo.

A partir das considerações acima, podemos perceber a importância de se respeitar as fases da iniciação esportiva dos alunos no processo de formação esportiva, por meio da metodologia de ensino adequada, dando ênfase na objetividade do ensino e na construção de um planejamento de periodicidade dos conteúdos da cultura corporal, sem estabelecer a especialização precoce. Assim, tem-se como maior desafio fazer o esporte objeto de aprendizagem sistemática e formal, atribuindo-o não mais como o único conteúdo da educação física, mas, mais um conteúdo importante e significativo para a formação integral do aluno.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENA, S. S.; BOHME, M. T. S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo: 14(2), 184-195, jul/dez. 2000.

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte**. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001.

BARBANTI, V. J. **Formação de Esportistas**. São Paulo: Manole, 2005.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

BEREOFF, P. S. **Experiência formativa e educação física**. São Paulo: UNISA, 1999.

BETTI, M. **Ensino de 1º. e 2º. graus: Educação Física para quê?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 13, n. 2, p. 282-7, 1992.

BOMPA, T. **Treinamento total para jovens campeões**. São Paulo: Manole, 2002.

BRACHT, V. Corporeidade, cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: NÓBREGA, T. P. (Org.). **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006. p. 97-105.

CARVALHO, A.M. **Desporto Escolar: inovação pedagógica e nova escola**. Lisboa: Caminho, 1987.

COSTA, Felipe Rodrigues da; PAOLI, Próspero Brum; DA SILVA, Cristiano Diniz. A importância dos jogos adaptados na iniciação aos esportes coletivos. EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 12, N° 117, 2008.

Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd117/jogos-adaptados-na-iniciacao-aos-esportes-coletivos.html>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 24. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, João B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo, 1994.

_____. **Pedagogia do Futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Pedagogia do futebol**. Londrina: Midiograf, 1998.

_____. **Ensinar esporte, ensinar a viver**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FRISANCHO, A. R.. Developmental adaptation: Where we go from here. **American Journal of Human Biology**, 21, 694-703, 2009.

GARGANTA, J. Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos. In: Graça, A.; Oliveira, J. (Eds.). **O Ensino dos Jogos Desportivos**. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDEF-UP. Porto. Portugal, 1995.

_____. A formação estratégico – tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para crianças e jovens**. Razões e finalidades. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. p. 217-233.

_____. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3 ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998
GIACOMINI, D. S. **Conhecimento Tático Declarativo e Processual no Futebol**: estudo comparativo entre alunos de diferentes categorias e posições. Dissertação de Mestrado, EEFPTO, UFMG, 2007.

GONZÁLEZ- F. J.- BRACHT- V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória-UFES, 2012.

GRECO, P. J.; BENDA, R.N. Iniciação aos esportes coletivos: uma escola da bola para crianças e adolescentes. In: ROSE JR, D. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

GRECO, P. J.. Conhecimento tático-técnico: modelo pendular do comportamento e da ação nos esportes coletivos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**, Belo Horizonte, v.0, n.1, p.107-29, 2006a.

_____. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.20, n.5, p.210-2, 2006b.

_____. **Iniciação esportiva universal**: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG, 1998. v.2

GRÉHAIGNE, J. F.; GODBOUT, P. Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective. **Quest**, Champaign, Illinois, v. 47, p. 490-505, fev.1995.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola**: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. Didática da educação física. Org. de Elenor Kunz. 4. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

LIBANEO, J.C. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo, Loyola, 1985.

MACHADO, Afonso Antonio (Org.). **Especialização esportiva precoce**: perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008.

MALINA, R. M.; BOUCHARD, C.; Bar-Or O. **Crescimento, maturação e atividade física**. São Paulo: Phorte, 2009.

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MASSA, M.; RÉ, A. H. (2010). Características de crescimento e desenvolvimento. In L. R. Silva (Ed.). **Desempenho esportivo**: Treinamento com crianças e adolescentes. 2. Ed. São Paulo: Phorte, p. 71-108.

OBERTEUFER, D.; ULRICH, C. Educação Física: princípios. São Paulo, EPU/EDUSP, 1977.

PAES, R. R. Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 18, p. 241-241, 1997.

_____. **Aprendizagem e Competição Precoce**: O Caso do Basquetebol. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Educação Física Escolar**: O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

_____. Pedagogia do Esporte: Especialização esportiva precoce. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PAPALIA, D. E., & Olds, S. W.. Desenvolvimento humano. 7. Ed.. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PARLEBAS, P. Esporte e Jogos. BOLETIM DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA, Brasília, 50 (1):50-5, 1980.

RAMOS, A. M.. NEVES, R. L. R.. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade - notas introdutórias. **Revista Pensar a Prática**, 11/1: 1-8, jan/jul. 2008.

READ, B.; DAVIS, J.D. **Enseñanza de los juegos desportivos**: câmbio de enfoque. Apunts, n.22, p.51-56, 1990.

ROGOFF, B.. A natureza cultural do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTANA, Wilton Carlos de. Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DO SUL DO BRASIL, 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002. p. 176-180.

SANTANA, W.C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1-22.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações Coleção Educação física. 9ª Ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TAVARES, F. Bases teóricas da componente tática nos jogos desportivos coletivos. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Ed.) Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos. Porto, Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1996.

WEINECK. Treinamento ideal. São Paulo: Ed. Manole, 1999.